

**A ORGANIZAÇÃO RACIONAL DA EXPERIÊNCIA:
O RACIONALISMO APLICADO COMO BASE
PARA UMA APROXIMAÇÃO DO REAL**

Paulo Sousa Sarmento *

"(...) nada de racionalidade no vazio; nada de empirismo desconexo (...)"

Gaston Bachelard

LE RATIONALISME APLIQUÉ

Ao discutirmos o racionalismo aplicado, tomamos como ponto de partida um problema vigente e recorrente no âmbito do pensamento ocidental, um viés que tem, de certa forma, guiado as mais diversas concepções, seja de senso comum, científico, filosófico etc.: a questão das dicotomias. Aprendemos no Ocidente a ver as coisas sempre a partir de uma base dicotômica, na qual os pares em jogo se excluem. Temos sociedade em oposição a indivíduo, estrutura em oposição à sujeito, e assim sucessivamente. Esta perspectiva dicotômica pode ser presenciada nas próprias ciências sociais. Durkheim, por exemplo, privilegia a sociedade em detrimento do indivíduo, enquanto Weber vai pelo caminho inverso. No máximo conseguimos chegar a um terceiro termo: tese-antítese-síntese, ou ainda $a^2 + b^2 = c^2$ etc., que não deixa de ter uma base fundamentada na dualidade. Esta forma de perceber o real exclui, em última análise, o diálogo entre as partes, acabando por privilegiar uma dimensão em detrimento da outra.

Descartes muito antes, tomando seu "cogito ergo sum" como ponto de partida, divide o homem em corpo e mente, tomando esta última como o lugar onde reside a essência da natureza humana, instituindo o método analítico, método através do qual os objetos do conhecimento são decompostos, gerando uma fragmentação. Esse homem cartesiano dicotomizado, como observa Capra (1996:55), tem um profundo efeito sobre o pensamento ocidental, na medida em que passamos a nos ver como egos isolados e privilegiamos o trabalho mental em detrimento do manual. Assim, a base fundamental do pensamento cartesiano está centrada na

* Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRR

dicotomização da "res cogitans" e da "res extensa" como dimensões distintas, separadas e independentes.

Nietzsche já propunha uma percepção do real de forma gradual. Assim, quente e frio ao invés de opostos, seriam pontos num mesmo espectro, ou seja, o da temperatura. Neste caso específico, quente e frio não seriam vistos como duas partes que se excluem no espectro da temperatura, mas simplesmente estados diferentes de uma mesma realidade, mas não exclusivamente opostos.

O raciocínio excludente fica mais explícito em dicotomias como, bonito-feio, bem-mal, claro-escuro etc., que além de uma forte vigência, servem, no âmbito da cultura ocidental, como base fundamental para o julgamento do que é positivo e do que é negativo, que conduz, em última análise, a uma forma de pensar maniqueísta e tendenciosa, e porque não dizer, insuficiente. A análise unilateral acaba sendo reducionista e de fraca base compreensiva e explicativa.

Poderíamos afirmar que o racionalismo aplicado tem sua base mais forte de estruturação também a partir de uma dicotomia: a entre empirismo e racionalismo. As condições de possibilidade do racionalismo aplicado surgem a partir justamente da perspectiva excludente desses dois pólos.

Este trabalho propõe-se discutir, em linhas gerais, o racionalismo aplicado, categoria que tem como proponente Gaston Bachelard, tida como ponto de partida de sua epistemologia, que, sem dúvida, revolucionou o campo científico, na medida que desfaz a dicotomia entre racionalismo e empirismo, ao mesmo tempo que se apropria dessas duas categorias como via de acesso para a elaboração de um olhar mais profundo da interrelação entre o teórico e o empírico. Além do mais mostra as deficiências do racionalismo e do empirismo, bem como de tantas outras perspectivas que propõem uma visão unilateral do real.

Temos no racionalismo aplicado uma base mais segura de aproximação do real, de construção do objeto científico, visto que sua proposta é a de um diálogo constante entre a teoria e a experiência, além de inaugurar um novo olhar no que se refere ao processo de investigação. Trata-se, pois, de uma nova postura de

conceber a ciência e a forma como ela é construída e estruturada enquanto discurso que se fundamenta na interação, na dialética teórico-empírica, ou melhor, a ciência se constitui, é engendrada a partir de uma base dialógica entre a teoria e a experiência, não como dimensões estanques do processo de conhecimento científico.

Assim, não mais se falar de um racionalismo ou um empirismo exclusivamente, mas sim de um racionalismo aplicado ou de um empirismo racional, que, em síntese, expressam o mesmo ponto de vista. Neste sentido, Bachelard faz uma observação extremamente elucidadora quando diz,

(...) nada de racionalidade no vazio; nada de empirismo desconexo (...)

(Bachelard 1977:8).

O que o racionalismo aplicado propõe é uma ciência na qual haja uma integração contínua, um diálogo constante entre o teórico e o empírico, ou seja, uma ciência dialógica, na qual não haja determinação de quaisquer dos dois aspectos. Por outro lado, a proposta do racionalismo aplicado é que se parta para a pesquisa armado teoricamente, visto que a construção do objeto científico é da ordem do racional, o que não significa determinação desta última dimensão sobre o real, senão seria uma volta à velha discussão entre racionalismo e empirismo.

Dessa forma, o racionalismo aplicado propõe uma inversão da vetorização epistemológica, ou seja, ao invés do vetor se dar do real para o racional, faz-se do racional para o real, que muito bem pode ser resumido na assertiva saussureana de que o ponto de vista cria o objeto, que nada mais é do que a atitude de um olhar organizado a partir de instrumentos racionalmente elaborados, posto que como diz Bourdieu,

(...) no hay que olvidar que lo real no tiene la iniciativa puesto que sólo puede responder si se lo interroga (...)

(Bourdieu 1973:54),

muito antes Poincaré já afirmara que os fatos não falam por si só, ou seja, os fatos só falam mediante um questionamento prévio, sendo

que quanto mais elaborado o questionamento, quanto mais problematizado, maior a possibilidade de compreensão daquilo que é perseguido. Quanto maior a problematização, maior a possibilidade de penetração na estrutura do objeto proposto para estudo.

Por outro lado, a falta de um diálogo entre esses planos complementares— teórico e empírico—, isto é, sua dicotomização, pode levar a um problema crucial, ou seja, o de uma percepção unilateral do real, ou, em última instância, a um puro maniqueísmo mental, um vício intolerável que instaura um distanciamento ou uma desvirtualização do real, ao invés de uma aproximação.

A visão revolucionária do racionalismo aplicado está em romper com a velha dicotomia entre racionalismo e empirismo, as estereis discussões sobre qual desses planos determina o conhecimento, ou seja, a busca de uma origem, além disso instaura uma nova perspectiva de aproximação do real, cuja base é uma organização racional da experiência.

Segundo Bachelard (1977:8), a perspectiva teórica situa o fato experimental onde ele deve estar. O que ele propõe é um racionalismo concreto, solidário com as experiências particulares e precisas. Para ele, nada de racionalismo abstrato, universal, sem base empírica. Por outro lado, Bachelard observa que todas as filosofias do conhecimento científico, como o idealismo, o positivismo, o realismo etc., se organizam a partir do racionalismo aplicado. Neste caso, esta categoria se caracteriza como posição convergente de todas as outras (Idem:11).

Assim, Bachelard insiste no fato de que a ciência deve se instalar na posição central do racionalismo aplicado a fim de trabalhar para instituir para o pensamento científico uma filosofia específica (Ibid).

Por outro lado, ao tomar a proposta bachelardiana como base para discutir a construção do objeto científico, Bourdieu parte do pressuposto de que o fazer científico é algo unitário, processual, no qual as diversas fases da pesquisa não podem ser vistas a partir de um plano de sucessividade, mas sim de inter-relacionamento entre as várias etapas. Daí a impossibilidade de se tratar o teórico e empírico como partes dicotômicas.

Para Bourdieu (1973:83-4), a pesquisa científica vista como

algo sucessivo deixa escapar à ordem lógica dos atos epistemológicos: ruptura, construção, prova de fatos, que não se reduz à ordem cronológica de operações concretas da investigação.

Segundo Bourdieu, dizer que o fato científico se conquista, se constrói e se comprova, não significa dizer que a cada um destes atos correspondem operações sucessivas (Idem:84). O que persiste para ele na pesquisa científica é o encadeamento de operações epistemologicamente qualificadas, e não uma enumeração de tarefas delimitadas segundo a lógica da divisão burocrática do trabalho (Idem). Conceber o fazer científico a partir de uma sucessão de fases nada mais é do que conceber as diversas etapas da pesquisa como coisas estanques. A pesquisa científica deve ser vista enquanto processo no qual as diversas fases dialogam contínua e constantemente umas com as outras.

Para Bourdieu, o racionalismo aplicado rompe com a epistemologia espontânea, fundamentalmente, quando inverte a relação entre teoria e experiência. O que está na base do fazer científico são os princípios teóricos que estão em jogo em qualquer tentativa de aproximação do real, sendo que a comprovação serve para corroborar aquilo que foi estruturado teoricamente. O cientista, neste caso, trabalha sob a forma de puzzles, de quebra-cabeças, montando e desmontando, organizando e reorganizando seu objeto, até chegar a um ponto final, este determinado pelo próprio pesquisador, já que toda conclusão em ciência é provisória, condição de possibilidade de desenvolvimento do pensamento científico. Ou seja, o desenvolvimento do pensamento científico é condicionado por sua insuficiência em dar respostas definitivas.

Neste sentido, Bourdieu observa que só a experiência rigorosa como "razão confirmada" pode atestar o valor explicativo e o poder dedutivo da teoria, isto é, estabelecer sua capacidade de gerar um campo sistemático de proposições passíveis de encontrar confirmação ou invalidação na prova dos fatos. Isto resume a proposta do racionalismo aplicado, isto é, o diálogo entre teoria e experiência.

Dessa forma, a ciência como corpus de conhecimento que se propõe a uma aproximação do real, como quer Bachelard, só pode se fundamentar enquanto um discurso construído a partir de um

diálogo constante entre uma discussão teórica e aquilo sobre o qual se debruça tal discussão, ou seja, entre uma atitude mental organizada e o real que se põe diante dos olhos, que só pode ser incorporado, desembaraçado a partir de uma profunda reflexão construída passo-a-passo sob a forma de uma redobrada vigilância. Metaforicamente, o cientista teria de ser um soldado bem armado e sempre vigilante, à espera do contingencial e do necessário. Em síntese, a pesquisa científica pode ser aproximada àquilo que Foucault propõe,

(...) colocar de frente, umas das outras, as palavras e as coisas (...)
(Foucault 1966:9),

que são, de fato, mundos diferentes, mas não excludentes, não detentores de uma ruptura abismal, e sim complementares, passíveis de um diálogo, visto que, como diz Marx,

(...) El sujeto real mantiene, antes como después, su autonomía fuera de la mente (...)
(Marx apud Bourdieu 1973:61),

ou como observa Geertz, que está bastante claro que o mundo físico não é a Física e que "A Skeleton Key to Finnegan's Wake" não é o "Finnegan's Wake" (Geertz 1978:25).

Rodrigues explicita também tal raciocínio ao afirmar que,

(...) Os homens quando pensam o mundo, fazem-no por meio de categorias intelectuais. Idéias, noções, conceitos, teorias, são ferramentas cognitivas, por meio das quais se fragmenta o mundo e se estabelecem relações entre domínios resultantes da fragmentação. Por definição, e sob pena de se tornar rigorosamente inútil, o pensamento não se confunde com o 'real', com o mundo 'objetivo', com as coisas quais 'realmente' são. Se fosse mera redundância do que lhe é exterior, que sentido teria aquilo que povoa os cérebros humanos(...). (1989:63).

Entretanto, é nesta perspectiva que o real se nos apresenta, e só nessa condição, nessa distância, mas, ao mesmo tempo, proximidade, vista que não há uma ruptura abismal entre aquele que vê e aquilo que é visto, que podemos nos aproximar do real e construí-lo sob a forma de objeto passível de ser partilhado pelas mais diversas subjetividades, de possuí-lo enquanto nosso e ao mesmo tempo dos outros, ainda que no fundo tudo pareça se resumir em mito, ficção ou dogma, dado que o real é da ordem do inalcançável, ou seja, nenhuma subjetividade podendo concebê-lo em sua totalidade.

Por fim, se a ciência só pode ser concebida como discurso, como um corpo de conhecimento que se estrutura a partir da linguagem, não podemos negar que tal discurso se constrói tendo como base o mundo real, sendo as representações que elaboramos sobre o mundo apenas aproximações.

Contudo, apesar do discurso sobre o real ser de uma ordem e o real de outra, os dois planos não podem ser admitidos como excludentes, mas sim como complementares. Do real à realidade, ou seja, construímos a realidade tendo como fundamentação o real, pois este último já existe antes de nós. O real existe, a realidade é construída. Eis a condição de possibilidade de estruturação do próprio discurso científico, ou seja, o debruçar sobre o real armado com um texto racionalmente organizado, para assim construir a realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **O Racionalismo Aplicado**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BOURDIEU, Pierre et alli. **El Oficio de Sociólogo**. Madrid: Siglo Vinteuno Editores, 1973.

CAPRA, Fritjof. **Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1993.

FOUCAULT, Michel. As Palavras e as Coisas: Uma Arqueologia das Ciências Humanas. Lisboa: Portugália, 1966.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

RODRIGUES, José Carlos. Antropologia e Comunicação: Princípios Radicais. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

